
Estéticas do isolamento: uma análise da reportagem em TV em tempos de pandemia¹

Eliane Fátima Corti BASSO²
Universidade São Judas Tadeu, SP

Resumo

Este artigo tem como objetivo identificar as estratégias estéticas e narrativas utilizadas no telejornalismo para reportar em tempos de isolamento social. Para alcançar esse propósito, o levantamento de dados focaliza as transformações adotadas nas reportagens dos telejornais de referência da TV Privada e TV Pública. Daí a escolha pelo Jornal Nacional e o Jornal da Cultura, respectivamente. A amostra selecionada tem como base edições de março a maio de 2020. Trata-se de um estudo descritivo que leva em conta técnicas do método da análise de conteúdo. Os resultados apontam para a flexibilização de regras, uso intensivo da tecnologia e alterações na forma de narrar.

Palavras-chave: telejornalismo; reportagem; repórteres de TV; estéticas; pandemia

Introdução

A pandemia de Covid-19 mal tinha sido declarada³ e o telejornalismo já era notícia na *Folha de S. Paulo*. A manchete do dia 19 de março de 2020 anunciava: “Audiência de telejornalismo explode durante crise do novo coronavírus”. As emissoras intensificaram a programação jornalística e tornaram-se o meio mais atrativo para a população que, amedrontada, buscava por notícias sobre o que acontecia no Brasil e no mundo, e o boletim diário dos números de mortos e contaminados. Os programas jornalísticos começaram a despontar com o maior índice de confiabilidade para receber notícias, seguido pelos jornais. É o que apontou a pesquisa do Datafolha, divulgada em 23 de março, também pela *Folha de S. Paulo*, ao demonstrar que 61% da população confiava nas notícias da TV.

Detectado na China no final de 2019, o novo coronavírus se espalhou rapidamente pelo mundo carregando o medo da contaminação e morte ao cotidiano da população. O

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista pela UCPel/RS. Mestre e Doutora em Comunicação Social pela UMESP. Professora na USJT. E-mail: efcbasso@gmail.com

³ A pandemia foi declarada em 11/03 pela Organização Mundial da Saúde.

distanciamento e o isolamento social foram incorporados na rotina das pessoas, e a maior tragédia sanitária do século tomou conta do agendamento da mídia. No Brasil, no dia 22 de março de 2020, o decreto nº 10.288 do Governo Federal incluiu as atividades e os serviços relacionados à imprensa como essenciais no rol de atividades que não poderiam parar.

No entanto, diferente de outras mídias em que o trabalho pode ser desenvolvido dentro da redação, na TV, o componente da imagem é o referencial do meio e faz a diferença. Além de pôr em cena imagens dos fatos, o repórter e os entrevistados precisam aparecer. Assim, para dar conta da produção de notícias em meio às medidas de isolamento, o apuro estético, na qualidade da captação do material, abriu espaço para outras formas de narrar. Nessa perspectiva, buscou-se neste estudo encontrar respostas para os seguintes questionamentos: quais foram as alterações evidenciadas no trabalho do repórter de TV e o que foi incorporado na narrativa das reportagens?

Para encontrar as respostas foram selecionados o Jornal Nacional e o Jornal da Cultura, referências em audiência e formato quando se aborda o modelo de jornalístico na TV Privada e na TV Pública, respectivamente. O caminho metodológico percorrido segue as etapas da análise de conteúdo, referenciada por Laurence Bardin (1997). Metodologicamente, o primeiro passo foi assistir as edições dos dois telejornais durante uma semana, de 16 a 21 de março de 2020, período em que começaram a valer as primeiras medidas restritivas como forma de prevenção para impedir o alastramento da contaminação pela Covid-19. O objetivo foi formar um quadro de referência sobre a estrutura desses dois modelos de programas e verificar se já existiam alterações, visto que a proliferação da doença estava no início.

O segundo passo foi observar e selecionar as datas para análise das reportagens. Entre março e maio de 2020, foram assistidas diferentes edições e três delas selecionadas para composição do corpus quantitativo. O dia 26 de março de 2020 foi escolhido por marcar um mês do primeiro caso de contaminação no Brasil. O objetivo foi identificar como as entrevistas, principal instrumento de apuração jornalística, estavam sendo realizadas em virtude do distanciamento social. Os dias 04 e 11 de maio foram escolhidos por marcar um fato histórico na estética do trabalho do repórter: o início do uso da máscara no vídeo pelo Jornal Nacional e Jornal da Cultura, respectivamente. As edições selecionadas são as que estão disponíveis pela internet, sendo que a TV Globo utiliza a plataforma Globoplay e a TV Cultura o YouTube.

O telejornal, as reportagens e os repórteres

Historicamente, o telejornal em rede no Brasil sagrou-se com uma estética de formalidade estabelecida pelo Jornal Nacional⁴. A forma como foi constituído instituiu a apresentação requintada e objetiva, com uma fragmentação dos assuntos em formatos de curta duração (SILVA, 1985, p. 38). De certa maneira, esse programa referenciou o estilo dos principais noticiários de rede no Brasil. No que tange à estrutura do produto, a principal característica dos telejornais relaciona-se ao princípio estabelecido pelo gênero informativo, com a apresentação da notícia através da nota simples, a nota coberta com imagens, o repórter ao vivo e a reportagem.

Dentro da perspectiva de classificação do gênero, estes formatos estão relacionados ao que Patrick Charaudeau (2006) define como ato de “relatar o acontecimento”. Já o gênero opinativo, com uma presença menos usual, é caracterizado na TV pelo editorial, o comentário e a crônica (REZENDE, 2000). Essa abordagem parte do pressuposto do “acontecimento comentado”, e apresenta uma “estrutura discursiva, complementar ao relato, que consiste em exercer suas faculdades de raciocínio para analisar o porquê e como dos seres que se acham no mundo e dos fatos que aí se produzem” (CHARAUDEAU, 2006, p. 175). Portanto, amplia o relato para argumentação e análise. Por fim, há no quadro referencial dos modos discursivos apresentados por Charaudeau (2006, p.151), o ato do “acontecimento provocado”, caracterizado pelo “confronto de ideias”, por meio do qual situam-se as entrevistas e os debates. Desse modo, ressalta-se que o Jornal da Cultura, principal telejornal da TV Pública no Brasil, atualmente, diferencia-se dos demais modelos justamente por equilibrar a produção do conteúdo noticioso com a análise de especialistas em bancada.

O telejornal também é considerado o gênero televisivo mais completo quando visto pelo número de formatos de apresentação da notícia, diversidade e abrangência dos fatos. Dentro dele, a reportagem se destaca. Sobre ela se debruçam diversos autores para defendê-la como o formato mais completo de apresentação da notícia na mídia, e as qualidades necessárias a um repórter TV não se diferem tanto de outros meios a não ser pela complexidade do visual e do som.

Na função de repórter de vídeo estarão aqueles profissionais com características específicas de comunicabilidade, além daquelas inerentes ao

⁴ Primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional, inaugurando o sistema de satélite no Brasil no dia 01/09/1969.

bom jornalista. São necessárias boa voz e presença empática. Tais requisitos são naturais na TV porque há veiculação da imagem e a voz do jornalista que narra os fatos da sua investigação (CURADO, 2002, p.47).

A tarefa primordial dos repórteres é ir para as ruas em busca de uma boa história, com o imperativo de estruturá-la e entregar ao leitor, ouvinte ou telespectador uma notícia. A eles cabe o papel de ser interlocutores da sociedade, tendo como princípio fundamental a apuração do acontecimento para saber se o fato tem teor de interesse público. O fluxo dessa produção é impulsionado pelos critérios de noticiabilidade, entendidos como um “conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 61).

É fato que a prática profissional, realizada em curtos espaços de tempo, transformados em *deadline*, deixa pouco tempo para produção e reflexão diária. Mas o acontecimento que vira notícia hoje, um produto perecível aos olhos do grande público, servirá amanhã de matéria prima para os historiadores interpretar o passado. É desta maneira que os teóricos colocam os jornalistas como uma comunidade profissional, pertencentes a uma “tribo” especial que luta pela liberdade de imprensa (TRAQUINA, 2005), ou ainda como descreve Pierre Bourdieu:

Os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem e não outras. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 25)

Na prática profissional, os repórteres estão na linha de frente, mas não estão só. A reportagem em TV é o resultado de um trabalho que ocorre por meio de uma equipe multifuncional e não apenas de um profissional que aparece no vídeo, assim contextualiza Olga Curado, no livro *A notícia na TV – O dia-a-dia de quem faz telejornalismo*:

O que vai ao ar acontece porque várias pessoas trabalharam juntas e não apenas por obra e graça de algum super-homem, que na TV, nasceu morto. O mais talentoso dos repórteres, editores, pauteiros, cinegrafistas não põe sozinho uma boa reportagem no ar (CURADO, 2002, p.23).

Tradicionalmente, repórteres e cinegrafistas saem às ruas com uma sugestão de pauta para cobrir um tema agendado pela produção. No processo de apuração realizam entrevistas e imagens. Ao repórter cabe ainda a apresentação diante da câmera, denominada de passagem, e a produção e gravação da voz para os textos da reportagem que serão cobertos por imagens. O material bruto é montado e finalizado pelos editores.

O entrosamento da equipe, na cadeia produtiva, determina a qualidade do material que vai ao ar.

Repórteres que atuam em telejornais de rede são considerados os mais experientes. Para Olga Curado, essa experiência está relacionada ao tempo acumulado na função: “Entre os profissionais de televisão mais tarimbados, é comum estimar-se que um bom repórter de rede não se prepara com menos de oito anos de prática”, e a função exige o desenvolvimento de empatia com a audiência, resultando na credibilidade. (2002, p. 47-48). Atributos como curiosidade, persistência, aparência e qualidade vocal, também são esperados (YORKE, 1998, p. 47).

Jornal da Cultura e Jornal Nacional, primeiras observações

O Jornal da Cultura é gerado a partir da cidade de São Paulo. Vai ao ar de segunda a sábado, às 21h, com duração de quase uma hora por dia. O jornalístico reúne os formatos tradicionais de apresentação da notícia e a análise de comentaristas em estúdio. De maneira geral, observa-se que uma a duas reportagens a cada bloco fornecem o subsídio para interpretação e análise. Imagens produzidas pela emissora ou de agências internacionais, transformadas em notas cobertas e lapadas⁵, também orientam o roteiro de perguntas de quem está na apresentação do programa para os convidados.

Na comparação com os demais telejornais transmitidos também em rede, é possível perceber que a presença dos comentaristas em estúdio é o principal diferencial do Jornal da Cultura. Essa característica editorial é marcante e toma, em média, metade do tempo do programa, como observado no dia 16/03/2020⁶, em que estiveram presentes na bancada o cientista político Sérgio Fausto e o economista Alexandre Schwartzman. Nesta data, o programa foi apresentado pela jornalista Ana Paula Couto. A edição teve duração um pouco menor, 39m24s, foi dividida em três blocos, exibiu três reportagens e três notas cobertas. A participação dos comentaristas ocupou aproximadamente 20m. Na semana de análise observou-se que o programa é dividido em quatro blocos, exceto segunda-feira e sábado, dias que apresentou um tempo menor de duração.

O Jornal Nacional é gerado a partir do Rio de Janeiro e vai ao ar de segunda a sábado, às 20h30. Apesar da página oficial indicar que o programa “tem cerca de 45

⁵ Terminologia utilizada quando a nota coberta reúne materiais de diferentes praças ou países.

⁶ Disponível https://cultura.uol.com.br/programas/jornaldacultura/videos/720_jornal-da-cultura-16-03-2020.html

minutos de duração e faz a cobertura completa das principais notícias no Brasil e no mundo” (TV GLOBO, 2020), nota-se que durante o período analisado o programa teve média de uma hora de duração.

A principal característica do jornalístico, apresentado de segunda a sexta por William Bonner e Renata Vasconcellos e aos sábados em sistema de rodízio por outros apresentadores, é o investimento na reportagem. Repórteres espalhados pelo Brasil e exterior disputam espaço para transformar o tema em manchete. Essa identificação é reforçada com os dados da edição de 16/03/2020 em que o programa apresentou 16 reportagens, duas notas cobertas, três notas simples e a previsão do tempo.

A vida por meio das notícias na TV, em ambos os noticiários, na primeira semana de observação que vai do dia 16 a 21 de março de 2020, mostra que os fatos se sucederam numa velocidade acelerada. O elevado potencial de contaminação do vírus agendou o tema quase que na integralidade do tempo, apresentando os reflexos na vida política, econômica e social dos brasileiros e nos países atingidos pela pandemia.

A semana começou com a notícia de 234 casos confirmados de coronavírus no Brasil e terminou com o saldo de 18 mortos. Comércio e pontos turísticos foram fechados, eventos cancelados, escolas paralisaram as aulas e o trabalho remoto tornou-se rotina. Nada era mais preocupante e urgente do que falar sobre a pandemia e as notícias de prestação de serviços se multiplicaram. As edições registravam as chocantes imagens de cidades vazias e o impacto na vida dos habitantes.

Começavam também a aparecer as primeiras informações na tela sobre alterações na rotina do trabalho dos repórteres. No Jornal Nacional da segunda-feira, dia 16/03, o jornalista Marcelo Canellas, ao abordar as mudanças que a TV Globo estava realizando na programação, inseriu no texto da matéria uma das medidas usadas pela emissora: a higienização do microfone, principal instrumento de trabalho dos jornalistas.

A gente vai ficar mais tempo com você durante a programação, justamente porque a informação se tornou uma ferramenta ainda mais importante para sua saúde; e faremos isso com todo o cuidado sob a orientação dos especialistas. Esse microfone que eu estou usando, por exemplo, foi higienizado antes e será higienizado de novo assim que eu acabar de falar (CANELLAS, 2020).⁷

O trecho final do texto é ilustrado pelo enquadramento da câmera que mostra o repórter passando o microfone para o funcionário realizar a limpeza. A articulação do texto em conjunto com a imagem é utilizada como estratégia enunciativa para mostrar

⁷ Disponível em <https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/16-03-2020/>

os procedimentos de segurança para o trabalho das equipes e para reforçar a informação. A emissora anunciou a diminuição do tempo dos programas de entretenimento e a ampliação dos jornalísticos com o objetivo de prestar mais serviços na luta contra o coronavírus.

Na terça-feira, dia 17/03, na reportagem sobre as medidas adotadas pelo Ministério da Saúde no combate à pandemia, foi a vez do jornalista Vladimir Netto informar a prática de entrevista virtual, transmitida pela internet, sem a presença de jornalistas.

Em uma entrevista transmitida pela internet, sem a presença de repórteres para diminuir o risco de contaminação, o Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, disse que o Brasil vai enfrentar de 2 a 3 meses de muito estresse (NETTO, 2020).⁸

Mas a pandemia avançou rapidamente pelo mundo e em poucas semanas a vida mudou completamente, e para os jornalistas também. Com as medidas de isolamento foi preciso encontrar alternativas para produção de conteúdo.

Estéticas das reportagens de TV em tempos de isolamento social

Com as medidas de isolamento, o teletrabalho passou a ser uma realidade incorporada também pelos repórteres de TV, especialmente para aqueles com mais de 60 anos, gestantes ou em situação de risco. Para muitos profissionais, o espaço privado começou a se tornar público. A sala, a biblioteca, a varanda e até o quintal viraram espaços para gravação. Para quem ia para a rua, o uso da máscara e a higienização dos equipamentos se tornaram rotina. Inicialmente os profissionais tiravam a máscara apenas quando estavam em frente às câmeras. No início de maio, um novo protocolo começou a ser seguido e pela primeira vez o telespectador assistiria os repórteres usando a máscara no vídeo.

A proximidade física entre entrevistador e entrevistado tornou-se um perigo de contágio, e neste sentido um dos primeiros recursos observados foi o uso de microfone sendo segurado pelos próprios entrevistados (Figura 1). A medida permitiu garantir a distância mínima recomendada pelas autoridades da área da saúde, no caso, dois metros. Tradicionalmente o microfone é segurado pelo repórter para manter o controle da entrevista.

⁸ Disponível em <https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/17-03-2020/>

Figura 1 – Imagens em que os entrevistados seguram o microfone



Fonte: Jornal Nacional 26/03/2020 **Fonte:** Jornal da Cultura 31/03/2020

Diferente da TV Cultura, a TV Globo passou a usar o microfone do entrevistado sem a canopla e logotipo que serve para identificar a emissora. De acordo com matéria de Cristina Padiglione, crítica de TV, da *Folha de S. Paulo*, o objetivo foi manter a neutralidade.

Entre as normas de cuidados que o jornalismo da Globo adotou para esses tempos de coronavírus está um drible em outra norma: a de que o microfone nunca pode ser dado nas mãos do entrevistado. A premissa, no entanto, é um cuidado de segurança com a imagem da emissora: permitir que não funcionários tomem nas mãos um instrumento com a marca da Globo significa dar a “voz” da Globo aos comandos de fora da casa. Assim, o microfone do entrevistado com a canopla da Globo sempre é de responsabilidade do entrevistador, do jornalismo aos programas de entretenimento (PADIGLIONE, 2020).

Outro recurso na estética da entrevista presencial foi o uso de um suporte alongado para o microfone. Esse recurso aparece em poucas reportagens. Apesar da falta de praticidade, pois demanda a presença de um operador, foi mais uma opção para manter a distância física entre entrevistado e entrevistador.

A necessidade de isolamento social e as recomendações para evitar aglomerações levaram a uma natural redução das entrevistas presenciais e o formato remoto foi uma opção usada com frequência, pelas chamadas de vídeo pela internet ou por meio de pedidos aos entrevistados que realizassem as gravações. Coletivas de imprensa passaram a ser transmitidas pelas redes sociais, sendo opcional e permitida apenas a presença dos cinegrafistas, como atesta a nota do Ministério da Saúde de 19/03/2020.

O Ministério da Saúde reforça que a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) estará transmitindo a coletiva e disponibilizando o sinal para todas as emissoras. Portanto, as emissoras poderão optar por não enviar repórteres cinematográficos e fotógrafos. Os jornalistas devem acessar as redes sociais do Ministério da Saúde para acompanhar ao vivo a transmissão da coletiva: Facebook, Twitter, YouTube, Portal e Web Rádio Saúde. Neste momento, apenas os cinegrafistas e fotógrafos poderão participar presencialmente das coletivas (BRASIL, 2020).

Para compreender a presença e as características estéticas das gravações a partir das câmeras dos entrevistados, foi realizada uma quantificação com base apenas nas

entrevistas das reportagens da edição do dia 26/03/2020, em ambos os telejornais. A data marca um mês do primeiro caso de contaminação no Brasil e registra 77 mortes, momento em que a população estava recolhida em casa.

Quadro 1 – Temas das reportagens do Jornal Nacional em 26/03/2020⁹

Tema	Entrevistas
Brasil completa um mês do registro do primeiro caso de Covid-19	02
Aumento nas internações de pacientes com doenças inflamatórias grave e os sintomas da Covid-19	02
Anvisa muda regras para compra de medicamentos controlados	04
Cientistas brasileiros mapeiam genoma do vírus no Brasil	02
EUA se torna o país com o maior número de contaminados	01
Situação de Covid-19 na Espanha, Itália, França e Reino Unido	01
Avanço do coronavírus e o colapso da saúde na Itália	-
Construção de hospitais de campanha no Brasil	04
Desemprego e os pedidos de seguro-desemprego nos EUA	02
G20 anuncia ajuda para aliviar o impacto do coronavírus na economia global	-
PIB brasileiro para 2020, desemprego e trabalho informal	03
Projeto de auxílio emergencial	-
Campanhas de doação de alimentos e material de higiene	06

Fonte: Produção Própria

No Jornal Nacional, entre as 13 reportagens, foram identificados 27 entrevistados. Desse total, a estimativa é de que nove são de dispositivos dos próprios entrevistados (33,3%) e as demais 18 (66,6%) foram classificadas como sendo realizadas por cinegrafistas profissionais, sejam eles da própria emissora, de agências de notícias ou coletivas de imprensa. Três falas, identificadas durante os textos de *off* dos repórteres de que se tratavam de pronunciamentos, não foram contabilizadas como entrevistas.

Quadro 2 – Temas das reportagens do Jornal da Cultura em 26/03/2020¹⁰

Tema	Entrevistados
Projeto de auxílio emergencial	02
Cresce o número de pacientes em estado grave em São Paulo	02
Pesquisadores mapeiam genoma do vírus no Brasil	01
Brasil iniciará testes para uso da hidroxicloroquina	04
Impactos da Covid-19 na economia brasileira	03
Alemanha dá exemplo de combate ao novo coronavírus	02

Fonte: Produção Própria

⁹ Disponível em <https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/26-03-2020/>

¹⁰ Disponível em https://cultura.uol.com.br/programas/jornaldacultura/videos/711_jornal-da-cultura-26-03-2020.html

No Jornal da Cultura, entre as seis reportagens exibidas, foram identificados 14 entrevistados. No levantamento, oito evidenciam traços de que foram realizadas a partir de dispositivos dos próprios entrevistados (57,1%) e seis (42,9%) foram classificadas como sendo de cinegrafistas profissionais.

A evidência do material captado pelas câmeras dos entrevistados se revela pela qualidade de imagem do vídeo e do áudio, e pelos enquadramentos (Figura 2). Tradicionalmente, as entrevistas são gravadas com equipes profissionais que além de garantir o domínio da qualidade visual e do som, costumam posicionar o entrevistado para um dos lados do quadro, olhando na direção vazia da tela. O enquadramento tem o propósito de reproduzir a ideia do diálogo com o repórter que conduz a entrevista, independente do mesmo estar dentro ou fora da imagem. De acordo com Sérgio Puccini (2010, p. 69), a direção do olhar, por si só, carrega significados diversos. Assim, quando o entrevistado olha para fora da tela dá a ideia de conversa com o repórter, mas quando a imagem é frontal revela uma conversa direta com o telespectador.

Diferente desses aspectos, foram identificados planos de imagem fora do padrão dos enquadramentos, da altura e do lado do ângulo, imagens fora de foco, presença dos fones de ouvido nos entrevistados, pouca iluminação, imagem frontal e áudio que demonstram ser de câmeras amadoras.

Figura 2 – Entrevistas realizadas de forma remota



Fonte: Jornal Nacional e Jornal da Cultura - 26/03/2020

Entre o material exibido no dia 26/03 foi observado também, em duas entrevistas do Jornal da Cultura e duas no Jornal Nacional, o uso da imagem do repórter no ambiente da televisão, em cena de corte, enquanto o entrevistado aparece nos monitores (Figura 3). O recurso serve para mostrar que ambos estão em locais diversos, mas remete a ideia da interação, da conversa. A câmera capta a imagem do repórter observando o entrevistado, e é usada com dois propósitos: cobertura de narração em *off*, momento em que o repórter cita o entrevistado, e para *inserts* em trechos das entrevistas. A presença do entrevistador no cenário reforça o papel do jornalista como condutor dos rumos da entrevista.

Figura 3 – Repórteres realizando entrevista remota em cena de corte



Fonte: Jornal Nacional e Jornal da Cultura - 26/03/2020

Esteticamente, a cena mostrando o repórter observando o entrevistado, é uma opção importante também em situações em que a matéria apresenta entrevistas que contrastam pela qualidade. Esse aspecto pode ser notado na reportagem sobre as mudanças nas regras para compra de medicamentos controlados (Figura 4), realizada pela equipe da TV Globo Minas.

Figura 4 - Imagens mostram as diferenças nos enquadramentos das entrevistas



Fonte: Jornal Nacional 26/03/2020

A imagem frontal, o uso de fones de ouvido e a arte na cor azul, preenchendo o quadro da entrevista, para disfarçar as tarjas da lateral da tela, comuns nas gravações por *smartphone*, revelam uma estética diferenciada da tradicional entrevista realizada pelo cinegrafista. A imagem na vertical é típica de quem segura o telefone para conversar, mas na hora da conversão para a tela da TV não é adequada esteticamente.

O uso de vídeos amadores não é novidade no telejornal de referência. Eles são usados em situações bastante específicas pelo grau de importância do material, mas nunca foi tão necessário e esteve presente de forma tão concentrada como neste período. Em termos de narrativa, o uso da entrevista remota, realizada por *smartphone* ou *webcam*, revela a apropriação do vídeo pelos entrevistados a partir de uma estética enunciativa de planos mais próximos, semelhante à imagem frontal do autorretrato.

Em ambos os telejornais, o predomínio da fala é dos especialistas explicando, contextualizando, interpretando e analisando os impactos e a complexidade da pandemia no Brasil e no mundo. Em seguida vem as entrevistas das autoridades fornecendo dados, medidas adotadas e alertas para a população. Apenas em três reportagens do Jornal

Nacional e duas da TV Cultura viu-se a presença da fonte informal, a pessoa comum, caracterizada por humanizar as narrativas.

No que tange à imagem do repórter nas passagens, momento em que ele aparece e é identificado no vídeo, a análise recai sobre os dias 04 e 11/05, por conta da introdução do uso da máscara (Figura 5). O Jornal Nacional anunciou na abertura, da edição do dia 04/05/2020, logo após a escalada, a medida adotada pela TV Globo, em nota de editorial:

A partir de hoje, os nossos repórteres vão passar a usar a máscara inclusive quando aparecerem diante da câmera, nas ruas. (...) com a pandemia no nível em que está, e com a máscara tão necessária para o combate ao novo coronavírus já incorporada à vida das pessoas no mundo inteiro, estranho é exatamente aparecer sem ela. Então, você vai notar: repórteres vão aparecer sempre de máscara. Com a exceção de quem estiver trabalhando de casa (...) (Jornal Nacional, 2020)¹¹

No Jornal da Cultura o uso da máscara foi evidenciado por meio de uma reportagem do jornalista Jerônimo Moraes, no dia 11/05/2020, para explicar os protocolos de segurança adotados pela emissora.

Figura 5 – Repórteres usando a máscara no vídeo



Fonte: Jornal Nacional 04/05/2020 **Fonte:** Jornal da Cultura 11/05/2020

Assim como os apresentadores, os repórteres são parte da identidade de um programa. Vera Iris Paternostro (1987, p.147), orienta que a “passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento”. Olga Curado esclarece que “essa participação é justificada quando é preciso transmitir informações que explicam como determinado acontecimento ocorreu ou qual o seu possível desdobramento sem o auxílio de imagens” (2020, p. 49).

Tradicionalmente, o repórter aparece na gravação da passagem em plano da cabeça até a cintura, olhando para a câmera, dando a entender que fala diretamente para o telespectador. Representa neste ato, o que Patrick Charaudeau (2006) define como “o sujeito que informa”. Simbolicamente, a passagem serve para identificar o responsável pela apuração da notícia e dela realçar a credibilidade. “Sua presença – seja pela voz, pelo

¹¹ Disponível em <https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/04-05-2020/>

corpo ou pelos enquadramentos de câmera – personifica o próprio caráter testemunhal da TV” (GUTMANN; VILAS BÔAS; GOMES, 2019, p. 80).

E se o lugar do repórter é na rua, durante a pandemia eles tiveram que se reinventar. Nas edições analisadas foi possível observar que o repórter se afastou de locais movimentados de apuração dos fatos. O cenário de gravação das passagens, nas 16 reportagens do Jornal Nacional do dia 04/05/2020, é de espaços vazios ou com pouca movimentação ao fundo, sejam eles internos ou externos. Quanto ao uso da máscara, apenas a correspondente em Roma está sem o acessório de proteção.

No Jornal da Cultura, do dia 11/05¹², das seis reportagens analisadas, apenas uma é de local interno, sendo as demais na rua. Repete-se o cenário vazio, com exceção da reportagem sobre protocolos de segurança da TV Cultura contra a Covid-19, em que o repórter aparece numa sala com costureiras ao fundo. O uso da máscara foi verificado em apenas dois repórteres, demais estão sem. Com o avanço da pandemia, o acessório foi incorporado na rotina.

Inicialmente, observou-se nos telejornais casos de repetição de cenários das gravações das passagens, dando a entender que o repórter estava em locais próximos das emissoras ou em suas residências. Em fase posterior, por meio da observação, foi possível identificar que as equipes começavam a estar mais presentes nos locais de apuração.

Quanto à estrutura narrativa, observou-se a presença de reportagens com textos mais longos do convencional, explicando de forma didática as informações sobre o contexto da pandemia. A construção visual por meio de animações, gráficos, mapas e telas de legendas, amplamente usada para dar sentido à expressão verbal, também serviu para suprir a falta de imagens. No decorrer das edições, verificou-se também o uso intensivo de material proveniente da audiência. Imagens e o testemunho de familiares, ilustraram histórias de vítimas da Covid-19 à espera de atendimento nos hospitais, locais nem sempre acessíveis para as equipes de reportagem.

Considerações Finais

Com a alta contaminação e letalidade do novo coronavírus, tendo o distanciamento físico como regra, viu-se nessa pesquisa, no período analisado, que a pandemia alterou a rotina produtiva para as equipes de reportagem. No front da cobertura diária, as medidas de isolamento afastaram os repórteres dos locais movimentados e,

¹² Disponível em https://cultura.uol.com.br/programas/jornaldacultura/videos/674_jornal-da-cultura-11-05-2020.html

muitas vezes, do contato humano com as fontes, mas não da apuração jornalística, mostrando a capacidade de adaptação dos profissionais em tempos de excepcionalidade.

Diante do risco do contágio e na missão de deixar a sociedade informada, regras anteriormente rígidas, no telejornalismo de referência, foram flexibilizadas. Entre as alterações estéticas evidenciadas na tela estão o microfone sendo segurado pelos próprios entrevistados, a adaptação ao uso da máscara pelos repórteres, o ambiente doméstico usado para reportar, os locais sem movimentação de público para a gravação das passagens e a mais significativa alteração: o uso intensivo da entrevista remota e o material proveniente da audiência. No contexto da narrativa, fontes de informação tornaram-se produtores de conteúdo, fornecendo relatos e imagens.

Dialogando com a linguagem da internet, as gravações por *smartphone* e *webcam* acabaram por reproduzir a estética do vídeo amador pela falta do cinegrafista profissional, em várias circunstâncias. Logo as emissoras de televisão perceberam a necessidade de enviar instruções para os entrevistados e para a audiência de como gravar. Assim, a qualidade do material captado pelas câmaras amadoras foi melhorando aos poucos junto com a popularização desses equipamentos. Em tempos de isolamento, o aumento nos índices de audiência para os programas jornalísticos, no entanto, parece mostrar que o público está mais preocupado com o conteúdo do que com o apuro técnico na captação do material.

Quando a pandemia terminar, é provável que não se voltará ao normal de antes, pois o mundo do trabalho já incorporou a narrativa das vantagens da tecnologia e do trabalho em *home-office* para diversas atividades. No entanto, a presença das equipes de reportagem nos locais de apuração da notícia continuará sendo fundamental para o registro da realidade, aproximação com o público, interação e contato humano com as fontes, em especial com a pessoa comum, caracterizada por humanizar as narrativas.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar E., 1997.

BRASIL. Decreto nº 10.288, de 22 de março de 2020. Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir as atividades e os serviços relacionados à imprensa como essenciais. Diário Oficial da União. Publicado em: 22/03/2020 | Edição: 55-J | Seção: 1-Extra | P.1

BRASIL. Ministério da Saúde. ATENÇÃO! Ministério da Saúde atualiza situação sobre o coronavírus por meio de coletiva online. Brasília, DF, 19, mar., 2020. Disponível em

<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46558-atencao-ministerio-da-saude-atualizacao-sobre-o-coronavirus-por-meio-de-coletiva-online>. Acesso em 20, jul. 2020.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CURADO, O. **A notícia na TV, o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

GUTMANN, J. F.; VILAS BÔAS, V. M.; GOMES, I. M. Testemunha, vivência e as atuações do repórter na TV brasileira. *Significação*, São Paulo, v. 46, n. 51, p. 78-95, jan-jun. 2019. Disponível em <http://www.periodicos.usp.br/significacao/article/view/145929/150404> Acesso em 30, jul.2020.

SILVA, C.E.L da. **Muito além do jardim botânico**. São Paulo: Summus, 1985.

MARQUES, J. Folha de São Paulo. TVs e jornais lideram índice de confiança em informações sobre coronavírus, diz Datafolha. **Folha de São Paulo**. 23 de mar. 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml> Acesso em 15 jul. 2020.

MEMÓRIA Globo, Site. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/> Acesso em: 12 de jul. 2020.

PADIGLIONE, C. Audiência de telejornalismo explode durante crise do novo coronavírus. **Folha de S. Paulo**. 19 mar. 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/audiencia-de-telejornalismo-explode-durante-crise-do-novo-coronavirus.shtml> . Acesso em 10 jul. 2020.

PADIGLIONE, C. Para evitar contaminação, Globo dá microfone a entrevistados. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 mar. 2020. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/globo-coloca-microfone-sem-canopla-na-boca-de-entrevistados/>. Acesso em 18 de jul. 2020.

PUCCINI, S. **Roteiro de documentário**: Da pré-produção à pós-produção. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, V. II, 3 ed. ver.2018.

YORKE, I. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus, 1998.